

**“DEUS NÃO É DE CONFUSÃO, E SIM DE PAZ”:
LITURGIA E PAZ EM 1Coríntios 14,26-40**

Paulo Sérgio de Proença

Adoração é uma das grandes forças unificadoras do cristianismo. Pois na adoração há espaço para um esbanjamento de linguagem, para uma liberdade [...] que estão ausentes nas declarações kerygmáticas e confessionais [...] Adoração une, doutrina divide.

(Dunn, 2009: 219)

Resumo

Paz está associada a um contexto litúrgico na parte final de 1Cor 14. Nem por isso deixa de ser significativa a evocação, pelo contrário. Essa paz, gerada em meio a cânticos e orações, nasce dentro dos muros de nossos templos e de nossas comunidades. Ela fertiliza consciências e as motiva a ser comprometidas com a não violência.

Apresentam-se de forma breve considerações exegéticas que, espera-se, suscitem inquietações quanto aos diversos elementos que emolduram o texto, sobre o qual são projetadas possibilidades motivadoras de atualização, no que concerne à urgência da emergência de uma consciência de paz em nossas celebrações litúrgicas. Essa paz é inclusiva e surge da tensão que diz respeito à fala – ou melhor: do poder (falar).

Abstract

Peace is associated to a liturgical context placed in the final part of 1 Corinthians 14. The evocation is nonetheless significant. This peace, generated between chants and prayers, is born within the walls of our temples and communities. It fertilizes the consciences and motivates them in order to be committed to nonviolence. Brief exegetical considerations are presented that hopefully raise speculations about the several elements that frame the text concerning the urgency of raising peace consciousness in the liturgical celebrations. This peace is inclusive and comes out from the tension concerning the speech – or rather: from the opportunity of speech.

Considerações iniciais

As celebrações litúrgicas são, de fato, ocasiões privilegiadas para a vivência do mistério do encontro com Deus configurado na dinâmica dos movimentos cúlticos e para encontro e comunhão com o outro.

É muito sugestivo que Paulo se sirva do termo *paz* num trecho importante de 1Coríntios para sintetizar e fundamentar a finalidade da liturgia. *Paz* tem, sim, muito a ver com cânticos, orações, homilias e sacramento. E a liturgia, como parte de poderosos elementos constitutivos da religião, molda mentalidades e comportamentos e pode contribuir, de forma decisiva, para a construção da paz. Ou para o contrário...

Nesse sentido, toca-se na importância do tema, sobretudo, para avaliação de nossa participação em celebrações dessa natureza e para, se necessário for, darmos a elas nova dimensão, que seja compatível com as exigências do compromisso com a paz, entendida não apenas como um estado de não violência (imposta à força, por potências político-militares), mas como conquista significativa que altera padrões de convivência, promove diálogo, supera dificuldades e remove obstáculos nas relações interpessoais e comunitárias. A paz, então, é projetada para muito perto, para dentro de nossos muros e de nossos templos e depende unicamente de nós.

A ocorrência do termo *paz* em 1Cor 14,26-40 (contexto de culto) e a frequência da celebração nas comunidades projetam para a construção da paz possibilidades não imaginadas, ainda. Por que viver em paz é tão difícil? Não é exagero afirmar que em nossas celebrações temos cultivado a discriminação e nem todos têm oportunidade de se manifestar, com significativa falta de representatividade de todos os segmentos da comunidade. Por isso, tem sido o culto, espaço para desigualdades.

Com essas observações no horizonte, apresentaremos algumas notas e preocupações sobre a importância da construção da paz em nossas celebrações, sem entrarmos, contudo, em considerações sobre a teologia do culto. Para tanto, será necessário observar a importância do trecho no contexto imediato em que se encontra, principalmente o capítulo 14 de 1Coríntios, a partir de uma perspectiva exegética, sem o compromisso com a exatidão analítica. Observaremos alguns elementos que podem contribuir mais diretamente para a compreensão do trecho¹.

O contexto do capítulo 14

Nesse capítulo mais evidentemente se verifica a preocupação do apóstolo em prescrever normas para o correto serviço do culto. Predominam termos pertencentes ao campo semântico da fala: falar, dizer, profetizar, exortar, interpretar, sons, tocar (flauta ou cítara), trombeta, língua, palavra, voz(es), orar, cantar, bendizer, línguas, adorar, testemunhar, salmo, hino, doutrina, revelação, calar, interrogar. Esse inventário serve para mostrar o que ocupava a preocupação do apóstolo. Quando se deve falar? Quando se deve não falar? Há uma série de normas a isso relacionadas. O capítulo orienta “como” e “quando” se deve falar em línguas; também dá orientações sobre a fala dos profetas e sobre a fala das mulheres.

A preocupação central do capítulo 14 é manutenção da inteligibilidade dos conteúdos da mensagem cristã veiculados pelas atividades que se servem da fala, seja pro-

1. Nós nos serviremos, em alguns trechos, da dissertação defendida na Universidade Metodista de São Paulo sobre 1Coríntios 13, sob o título *Amor, carismas e crise comunitária: análise exegética de 1Coríntios 13*, de nossa autoria.

fecia, seja glossolalia. Tal inteligibilidade precisa ser possível, a fim de que o gentio e o ímpio possam se converter (conforme v. 25, a conversão é o fundamento da vivência dos dons). Essa inteligibilidade da mensagem está no centro da tensão indivíduo-comunidade, na qual tocam diretamente os primeiros versículos do capítulo 14; é a mesma tensão existente no par profecia-glossolia; a glossolalia edifica o indivíduo, ao passo que a profecia edifica a comunidade. Se houvesse interpretação das palavras ininteligíveis do glossólalo, então o dom poderia ser admitido; assim, haveria equivalência à profecia (caso em que a glossolalia se torna dispensável). Os carismas, como dons, ainda que extáticos, deveriam estar subordinados à inteligibilidade da pregação cristã; passar-se-ia do nível absolutamente pneumático (intangível, extático) a um processo mental alcançável pelo homem e, portanto, inteligível. Vejamos os versículos do capítulo 14:

⁹Assim, vós, se, com a língua, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? Porque estareis como se falásseis ao ar.

¹³Pelo que, o que fala em outra língua deve orar para que a possa interpretar.

¹⁴Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.

¹⁹Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua.

Para se visualizar melhor as diferenças entre profecia e glossolalia, é apresentado abaixo um contraste de traços de ambas, de acordo com as características apontadas pelo capítulo 14:

Traços	Profecia	Glossolalia
Procede do Espírito	+	+
Dispensa intermediário	+	-
Edifica a Igreja	+	-
Revela os mistérios do coração	+	-
Converte o incrédulo	+	-
Não escandaliza o não crente	+	-

Com isso, verificam-se quais critérios foram utilizados para a apresentação da superioridade da profecia em relação à glossolalia. Em todos eles a profecia tem características positivas em relação à glossolalia. O profeta se distingue do glossólalo, pois pode traduzir em conteúdo inteligível o inefável da experiência pneumática. O glossólalo esconde; o profeta revela. Glossolalia e profecia se sustentam na fala; e, da fala decorre a construção da paz, identificada na veiculação de conteúdos compreensíveis por todos.

Considerações textuais

A parte final dos capítulos 12–14 contém orientações que convergem para a necessidade de ordem no culto. A síntese do trecho pode ser apontada na primeira parte do versículo 33 (“porque Deus não é de confusão e sim de paz”) e no versículo 40 (“Tudo, porém, seja feito com decência e ordem”).

Merece atenção a proibição dirigida às mulheres, dentro do contexto da ordem na *ekklesia*. Há três instruções que dizem respeito à administração da fala: a primeira diz respeito à fala dos glossófalos; a segunda se refere à fala dos profetas; a terceira, à fala das mulheres. Há um reforço na expressão “como em todas as igrejas dos santos, do v. 14.33b. A parte final do v. 33 ocupa uma posição flexível no contexto; pode se ligar ao que vem antes dela (fala dos glossófalos e dos profetas) que termina na parte primeira do v. 33, ou pode ligar-se ao que se segue, que é exatamente a prescrição de silêncio às mulheres; se esta última opção for admitida, temos que “em todas as igrejas dos santos” as mulheres devem ficar em silêncio².

Essa prescrição tem sido objeto de controvérsias, com desafios exegético-hermenêuticos consideráveis, principalmente com a emergência das leituras desafiadoras feitas sob a perspectiva de um novo princípio hermenêutico: a categoria de gênero. Embora instigante, não será essa a perspectiva a ser aqui abordada.

Sob o ponto de vista da crítica textual, é interessante observar que os versículos 34 e 35 aparecem em lugares diferentes em alguns manuscritos e, segundo respeitáveis especialistas, o trecho não é original; tratar-se-ia de acréscimo posteriormente incorporado ao texto (daí a divergência quanto à sequência em que ocorre). Deve ser registrado que, apesar dessa divergência, nenhum manuscrito conhecido omite a passagem, do que se deduz a antiguidade da inserção, caso de fato se trate disso.

A dificuldade maior, contudo, não é textual, mas hermenêutica, podemos assim dizer, porque o argumento evocado para o silêncio das mulheres (o que de fato incomoda), se ocorre em outras partes do Novo Testamento, não é convincente, pelo menos na pena de Paulo; em 1Cor 14 evoca-se à lei como fundamento da proibição de fala às mulheres, o que seria inesperado, considerada a origem paulina de tal argumento; assim, seria difícil conceber que a lei dos judeus pudesse ser evocada para dar autoridade a essa prescrição.

Gordon Fee (1994: 791-802), exegeta de tradição pentecostal e especialista em crítica textual, faz análise muito serena e competente dos versículos 34 e 35. Nota ele que, apesar de tais versículos estarem presentes em todos os manuscritos conhecidos, provavelmente não faziam parte do texto; formavam uma glosa marginal, posteriormente acrescida ao original. Um forte argumento para tal suspeita se encontra no capí-

2. As mulheres participavam na adoração carismática? Isso não fica totalmente claro. 1Cor 14,34-35, se original, parece excluir qualquer contribuição das mulheres, mas uma interpretação menos rigorosa é possível: elas estão proibidas somente de interromper pronunciamentos proféticos (por fazerem perguntas desnecessárias, talvez?) e a participação delas deveria ser aceita nos outros casos, conforme 1Cor 11,5, que admite claramente a participação de mulheres (Dunn, 2009: 226). Elas, até então contidas por um silêncio involuntário nas sinagogas, experimentavam relativa liberdade de expressão. Aparentemente, isso estava provocando confusão nas assembleias litúrgicas.

tulo onze, em que Paulo orienta a participação das mulheres no culto e admite que elas falem e profetizem (Fee, 1994: 802):

[...] em linha com as questões textuais, a exegese do texto mesmo conduz à conclusão de que não é autêntico. Se for assim, então certamente não é vinculante para os cristãos. Se não for assim, então as consideráveis dúvidas acerca de sua autenticidade devem servir de precaução contra seu uso como proibição eterna em uma cultura em que não seria coisa indecorosa o que as mulheres falaram desse modo na assembleia.

Tais considerações são muito convincentes. Contudo, consideraremos o texto como ele se apresenta. Deve-se procurar, então, o efeito de sentido que o texto quer provocar em seus leitores imediatos. A intenção dos versículos 34 e 35 é ostensivamente impedir que as mulheres tenham permissão para falar em público (na *ekklesia*) e o argumento utilizado para isso é a invocação de uma proibição contida na *Lei*, aqui entendida como sendo a dos judeus. Como este argumento é muito dificilmente atribuível a Paulo, pode ter procedido de algum copista (ou corretor textual) judeu-cristão, cujo pano de fundo cultural admitia sem problemas tal lugar social para as mulheres. Com o modelo cristão de reuniões, as mulheres possivelmente estavam tendo participação mais ativa nas celebrações, como ocorria nos demais cultos pagãos; e, pelo fato de que o modelo cristão nascente precisava de elementos de distinção em relação a esses cultos, restringiu-se a elas o acesso pleno a todas as formas de participação. Com referência à invocação à lei, deve-se lembrar que um dos grupos mencionados no começo da epístola era ligado a Cefas; daí a desconfiança de que os cristãos de origem judaica tivessem feito triunfar, de certa forma, suas convicções próprias a respeito disso.

A ordem (a paz!) estava sendo atingida com o silêncio de uma parcela significativa da comunidade.

Características formais

1Cor 14,26-40 tem características parenéticas, que prescrevem comportamentos a serem observados e proíbem outros, reprováveis. Contém admoestações cuja função é prescrever normas aplicáveis à vida litúrgica da comunidade. Usa o imperativo e propõe solução de casos específicos.

Assim, a experiência que motivou o texto, o lugar de vida em que ele se situa é o culto. Mais precisamente, a maneira de organização de atos e elementos do culto que têm na fala a sustentação principal. O que falar? Quando falar? Como falar? Disso se desdobra outra orientação: a fala equipara-se ao silêncio; ambos são significativos. Mas não só: a relação calar/falar se projeta no jogo de poder e de interesses, de que deriva a tensão na comunidade, que exige a intervenção do apóstolo.

A intenção, então, ao que parece, é prescrever orientação sobre o equilíbrio entre falas e administrar as tensões surgidas por eventual embate entre os que queriam e podiam falar e entre os que não podiam (e queriam). Decorre daí que a intenção também

era exigir respeito e tolerância para uma vivência litúrgica que refletisse a verdadeira posse do Espírito.

Aspectos literários

Propõe-se inicialmente uma estruturação para 1Cor 14,26-40. Já foi apontado que os versos 34-35 provavelmente tenham sido anotações marginais incorporadas ao texto por algum copista. Isso tem procedência também sob o ponto de vista da integridade da sequência, conforme se verá a seguir. A seguinte configuração estrutural é possível:

Introdução: falas múltiplas/edificação: v. 26

Outras línguas e interpretação: v. 27-28

Afirmção: Dois ou três, com intérprete

Restrição: Sem intérprete deve haver silêncio

Profecias (revelação): v. 29-32

Afirmção: Dois ou três

Restrição: Se outro receber revelação, o primeiro deve ficar em silêncio

Afirmção: Todos podem profetizar

Restrição: Deve haver sujeição

Transição (?) – Confusão/paz; todas as igrejas: v. 33

Mulheres: v. 34-35

Afirmção (pressuposta: as mulheres falavam na assembleia)

Restrição: v. 34

Atenuação da restrição: v. 35

Exclusividade (?): v. 36

Profeta: reconhecimento do mandamento do Senhor: v. 37

Quem ignora: seja ignorado: v. 38

Conclusão: (imperativos)

Profetizar: v. 39

Outras línguas – 39

Decência e ordem: v. 40

Preenchendo esses itens com os elementos do texto, teríamos o seguinte:

Introdução – v. 26: *Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação.*

Seja tudo feito para edificação.

Outras línguas e interpretação – v. 27-28

Afirmação: Dois ou três, cada um por vez, com intérprete (v. 27): *No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete*

Restrição: Sem intérprete deve haver silêncio (v. 28): *Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus.*

Profecias (revelação) v. 29-32

Afirmação: Dois ou três (v. 29): *Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem*

Restrição: Se outro receber revelação, o primeiro deve ficar em silêncio (v. 30): *Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro.*

Afirmação: Todos podem profetizar (v. 31): *Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados.*

Restrição: Deve haver sujeição (v. 32): *Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas*

Transição – Confusão/paz; em todas as igrejas (v. 33): *porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos,.*

Mulheres – v. 34-35

Restrição (v. 34): *conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina.*

Atenuação da restrição (v. 35): *Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja*

Exclusividade (da igreja?) (v. 36): *Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros?*

Profeta: reconhecimento do mandamento do Senhor (v. 37): *Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor.*

Quem ignora: seja ignorado (v. 38): *E, se alguém o ignorar, será ignorado.*

Conclusão: (imperativos)

Profetizar (v. 39a): *Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar*

Outras línguas (v. 39b): *e não proibais o falar em outras línguas.*

Decência e ordem (v. 40): *Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.*

Além dessa possibilidade de organização do trecho, propõe-se outra, a estrutura concêntrica, conforme apresentado nesta disposição:

I – Introdução – v. 26

II – Outras línguas e interpretação – v. 27-28

III – Profecias (revelação) – v. 29-32

v. 33: Confusão/paz/ v. 36? (exclusividade)

IIIa – Profetizar/Profeta – v. 37-39

IIa – Outras línguas – v. 39

Ia – Conclusão – v. 40

Nessa estrutura pode-se perceber que o v. 33 ocupa uma posição central: a paz, em última instância, é o eixo em torno do qual a passagem se estrutura.

Há também uso expressivo de artigos indefinidos e pronomes demonstrativos, no v. 26, para realçar a diversidade dos dons (conforme capítulo 12 da mesma epístola): *um, outro; este, aquele; aquele, ainda outro*. Há, também, emprego enfático de *todos* (v. 31), o que combina com a diversidade reforçada no v. 26 com o emprego dos demonstrativos.

O v. 33 (“porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos”) é uma cunha, uma dobradiça que pode se ligar tanto ao que vem antes quanto ao que vai depois, conforme foi demonstrado na possível estrutura concêntrica acima apontada. E as mulheres vêm depois disso...

No meio do caminho, as mulheres

A proibição destinada especificamente às mulheres pode ser associada ao fato de elas estarem profetizando? Deve ser observado que as restrições são destinadas a outros grupos (profetas e glossófalos) e não somente às mulheres. Em adição, observe-se que há restrições para todos os grupos, mas somente para as mulheres há atenuação da restrição (conforme estruturação acima indicada).

Não é intenção do trecho enquadrar a participação das mulheres de forma restritiva; elas são tratadas com isonomia em relação aos demais grupos (profetas e glossófalos) que participavam da assembleia litúrgica; o texto é neutro em relação a elas. Ora, considerando os versos 34 e 35 parte integrante da sequência, podemos inferir que a proibição às mulheres não é a intenção do texto e, se esses dois versículos forem considerados como acréscimo, a hipótese se sustentaria de forma mais convincente, pois haveria restrições somente aos profetas e glossófalos.

Isso indica que esse trecho bíblico não autoriza a submissão das mulheres a qualquer custo. Devemos reconhecer que têm elas sido caladas nas igrejas; suas vozes têm sido silenciadas, inclusive por meios violentos, de forma física ou simbólica.

1Cor 14,26-40 não foi escrito para sancionar a submissão de nenhum grupo a outro, mas para organizar a liturgia de forma que a partir dela pudesse haver paz e não confusão. Para isso era preciso que alguns, ainda que momentaneamente, se calassem. Essa prescrição foi válida para aquele contexto. Para outros, é possível que a recomendação seja diferente: para manter a paz e a ordem, talvez seja preciso que as pessoas falem. O que está em jogo é a paz. Dela nascem a inteligibilidade da mensagem cristã e a força pneumática para a conversão dos não crentes.

A igualdade em Cristo pode ter-se manifestado nos cultos de adoração feitos pelas comunidades paulinas. Mais que silenciosas “ouvintes da palavra”, as mulheres parecem ter estado ativamente envolvidas nas reuniões semanais dos companheiros, participando, orando e profetizando tanto quanto os homens (1Cor 11).

O apóstolo, no entanto, insistia em que, dado que o tempo é curto (antes da parusia), cada um devia se contentar com os papéis a si atribuídos e que ninguém deveria tentar mudar a própria posição – seja escravo, livre, casado, solteiro, homem ou mulher (1Cor 7,17-24).

Aceitando a visão bíblica de subordinação da mulher, os escritores do Novo Testamento acentuaram o dever de modéstia, submissão e devoção. Contudo, na prática, constatamos a influência da mulher sobre a vida da comunidade cristã. Parece que elas, por causa de sua fé e de sua facilidade de comunicação, mais facilmente se libertaram dos constrangimentos políticos e sociais, das tradições religiosas e culturais da cidade antiga. Tudo indica que a sua influência doméstica contribuiu para a conversão dos seus parentes e desempenhou um papel essencial na transmissão da fé. Para os pagãos, era esse poder de subversão que tornava as mulheres pobres de espírito (Siqueira, 2009).

Considerações finais

1Cor 14,26-40 não foi escrito para sancionar a submissão, nem para cassar a palavra de ninguém; muito menos para instalar a desigualdade. Ao contrário, estabelece a ordem a partir de tratamento idêntico aos diversos grupos concorrentes na comunidade de Corinto.

Tensão da palavra: quem pode falar? Quem deve calar? O direito à palavra é fundamental; é por isso que regimes autoritários cassam a palavra dos cidadãos. Babel se instala quando não há respeito pelo direito de todos falarem. Quando todos falam, com ordem e respeito, é possível haver interdependência e convergência solidária de propósitos, sentimentos e motivados, sob a inspiração do Espírito. E a adoração é essa oportunidade, segundo Dunn (2009: 225):

O corpo de Cristo é para Paulo a comunidade carismática [...] a comunidade funcionando carismaticamente. O corpo de Cristo chega à expressão, vive e se move, por meio da interação mútua dos dons e ministérios, a diversidade de manifestações sendo integradas em uma unidade de propósito e de caráter mediante o controle do Espírito de Cristo [...] A expressão máxima disso é a adoração: “é na adoração que a diversidade de funções (= *karismata*) demonstra sua interdependência mútua e força unificadora

Paz. Paz na liturgia, com falas livres e inspiradas, sem rancores nem convites ao ódio e à exclusão. Paz na liturgia, com a superação de dilemas e administração de tensões. A liturgia nos convida a aceitarmos todas as manifestações que contribuam para a edificação da comunidade (Dunn, 2009: 226):

O período de adoração, então, consistiria em uma sequência de contribuições em que aqueles com ministérios regulares participariam (profetas e mestres), mas onde cada membro poderia experimentar o impulso do Espírito se manifestar em um carisma particular (incluindo uma profecia ou ensino) [...] A liderança seria fornecida pelo Espírito [...].

Afinal, Deus não é de confusão e sim de paz.

Referências bibliográficas

- ALTER, R. e KERMODE, F. *Guia literário da bíblia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- BARRET, C.K. *A commentary on the first epistle to the Corinthians*. New York: Harper & Row, 1968.
- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998.
- CONZELMANN, H. *1 Corinthians*. Philadelphia: Fortress Press, s/d.
- DUNN, James D.G. *Unidade e Diversidade no Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- FEE, G. *Primera epístola a los Corintios*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1994.
- PESCE, M. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1994.
- SIQUEIRA, Silvia Márcia Alves. *Participação Feminina no Movimento Cristão Primitivo: um resgate*. UNESP, Campus de Assis. Disponível em: <http://historiadocristianismo-iffbc.blogspot.com/2009/03/participacao-feminina-no-movimento.html>. Acesso em 15 set 2011.
- STRABELI, M. *Primeira carta aos Coríntios*. São Paulo: Paulus, 1998.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.